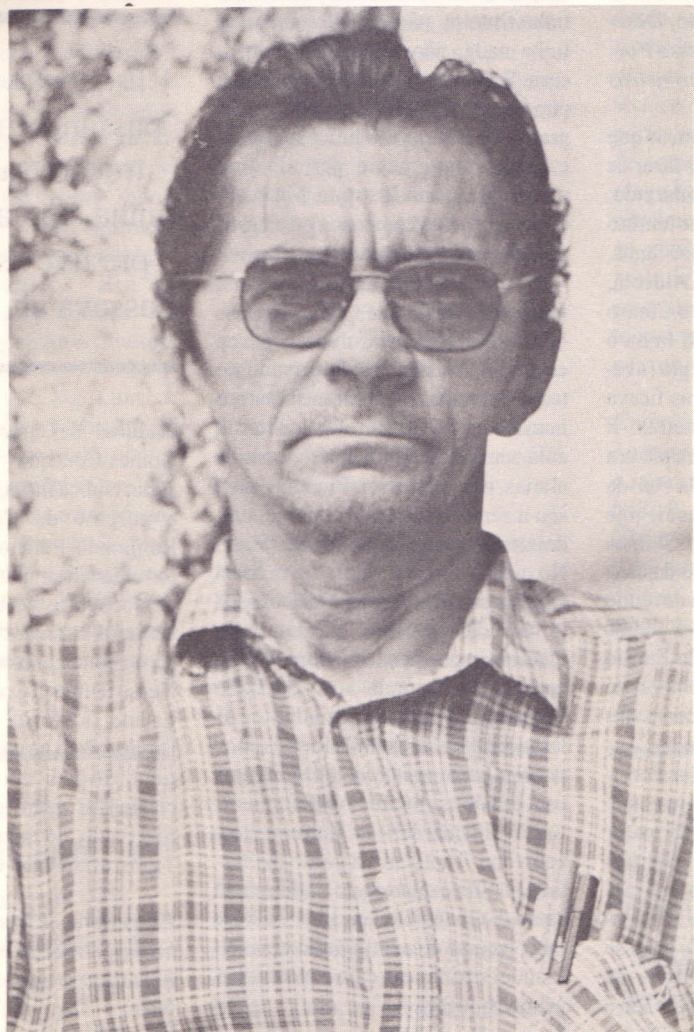


Nirez, solitário homem da memória



O hábito de conservar o que passou não o fez agarrado às lembranças. Nirez tem no passado apenas fonte de luz para o que virá.

Durante a entrevista, Nirez mostrou apenas o seu lado tímido, quase professoral, um tanto lento. Ao transcrever o mais fielmente estas histórias, percebemos uma narrativa articulada, regida pelo signo da memória, do amor e da paciência. Paciência até hoje cultivada para organizar sua casa, que é seu museu, cheia de filhos e netos e de amigos.

Embora reconhecido em todo Brasil, Nirez nunca contou com a ajuda oficial para seu Museu da Comunicação, até hoje em sede provisória, ocupando sua casa, exceto quartos e cozinha. Nunca também ganhou dinheiro com suas coleções.

Durante quase trinta anos, trabalhou no jornal O Povo, onde organizou, "trabalhando com as unhas", o departamento de pesquisa. Funcionário do DNOCS cedido à Universidade Federal do Ceará, é hoje discotecário e produtor musical da Rádio Universitária. Seu talento organizador foi fundamental para a incrementação da discoteca, criando capas por ele desenhadas e confeccionadas para os 60 mil discos do acervo.

Com os amigos apresenta um perfil descontraído e engraçado e até malicioso, cheio de histórias interessantes, informativas, outras tantas bem humoradas e picantes. Os quase 60 anos e o hábito de caruncho não o fizeram velhusco, agarrado às lembranças ou destilando mofo. Pelo contrário, presentifica e atualiza o passado, que é apenas sua referência e fonte de luz, para clarificar o que ainda não veio.

Tem fervor pelo pai, o poeta Otacilio, de quem possui gravações, da própria voz, dos seus poemas, que tratam desta cidade de Fortaleza. Amor muito também pelo mano Rubens, treze anos mais velho, e seu "muso-inspirador". Talvez por isso, por esta admiração pelo mano, tenha querido ser jovem quando foi menino. O irmão caçula, o professor da UFC, Sânzio de Azevedo, aparece frequentemente na rádio, onde conversam horas.

Em seguida, Nirez conversa conosco sobre suas primeiras descobertas e paixões, seu desvelo pelos discos e por esta Fortaleza, que tem nele seu mais fiel tradutor.

Entrevista com o colecionador e jornalista Miguel Ângelo de Azevedo, Nirez, dia 05/10/93
Produção: Christine Meireles, Eleuda de Carvalho e Maurício Lima **Abertura:** Eleuda de Carvalho **Redação, edição e texto final:** Christine Meireles, Eleuda de Carvalho e Maurício Lima **Participação:** Ana Maria Xavier, Ana Paula Farias, Carla Soraya Florêncio, Cristiane Parente, Christine Meireles, Djane Nogueira, Eleuda de Carvalho, Karine Rodrigues, Leonardo Pinto, Luciana Rabelo, Luziana Xavier, Mauro Costa, Maurício Lima e Roberta Manuela
Foto: Arquivo

Nirez nasceu Miguel Ângelo de Azevedo, filho do poeta Otacilio de Azevedo e de dona Tetinha, em 15 de maio de 1934, em Fortaleza. Cronista do passado, resgata com amor e muita, muita dedicação a história cultural da Música Popular Brasileira, principalmente aquela gravada até os anos 30 em discos de cera.

Além de ser um dos quatro grandes colecionadores de 78 rotações do Brasil, e número um do Ceará, guarda preciosidades sobre nossa cidade desde o início do século passado, seja em almanaques, revistas, jornais, como também em objetos de uso cotidiano.

Este cotidiano resgatado ajuda a contar conservar nossa história, seja através de inúmeros rótulos - de cigarros, de bebidas, de cosméticos - ou de garrafinhas de leite e de refrigerantes, de vidrinhos de óleos e de essências, de intactos perfumes, sabonetes, pós compactos, lamparinas, um gramofone (ainda em uso), fotos de artistas, álbuns de retratos e de figurinhas, bandeiras mundiais, e uma miscelânea de objetos do passado presentificada e próxima.



Calmo e tímido, Nirez chegou para a revista quase atrasado, estava bem barbeado, de calça escura e camisa clara.

O museu da Comunicação é a casa de Nirez. Em frente, mangueiras onde por trás passa o trem da Zé Bastos. Lá há velhos tesouros.

Na coleção do cotidiano, o verde óleo de mutamba, para os cabelos das mulheres, e a brilhantina Glostora, para os homens.

Entrevista - Nirez, o seu trabalho, todo ele, é o resgate da memória da história de Fortaleza e da música popular brasileira. Querida que você resgatasse agora a memória do Nirez menino, nascido aqui mesmo. Deseñhasse pra gente como era essa Fortaleza dos anos 40, essas primeiras lembranças dessa cidade.

Nirez - As primeiras lembranças que eu tenho... Vou me permitir fazer as lembranças mais raras da minha vida; não é da cidade, é o que eu me lembro de primeiro. Eu tinha cinco anos, quando meu pai foi morar na Aldeota, naquele terreno onde hoje é o Centro Artesanal Luíza Távora. Ali tinha o palácio do Plácido, de frente pra (avenida) Santos Dumont, e atrás ficava um terreno onde tinha fruteiras. E tinha a casa do morador. Meu pai era muito pobre, saiu daqui, da rua da Botija... Moramos três meses aí, hoje é a (rua) Confúcio Pamplona. Saímos à noite, escondidos, prodono da casa não ver, porque papai estava devendo três meses. Saímos de lá e fomos morar na casa oferecida pelo Emilio Hinko (arquiteto), pra gente morar de graça, desde que tomasse conta das fruteiras, porque ele chegou da Europa quase sem saber falar Português. Papai morava em Iguatu e, não sei porque cargas d'água, foi parar em Iguatu e lá, tava até com uns distúrbios mentais, passando uma fase difícil, papai deu guarida a ele. Então, talvez em troca disso, ele fez esse grande favor a meu pai. Morei na Aldeota de 1939 a 41, e esse foi o período mais feliz da minha vida. Eu morava num sítio onde tinha de tudo: tinha pé de murici, tinha umbu, tinha jaca, tinha caju, tinha manga... Tinha de tudo que você imaginar, nesse terreno. Além de flores. Um ambiente natural, né? Tinha um muro que

“Eu acho que não gostava de estudar, não. Não gostava era de colégio. Trabalhar eu sempre gostei, mas nas coisas que eu gosto.”

cercava esse paraíso. A (rua) Costa Barros nesse tempo era areia. Às tardes, eu subia numa escada e ficava e de cima do muro, olhando passar as vacas. Então, quando foi em 1941, nós nos mudamos. Papai não se deu com a mulher do Emilio Hinko, dona

Pierina, italiana. E nós nos mudamos para a rua Rocha Lima, número 128. Era um conjunto de casas: quatro casas, uma atrás da outra, parede colada. Não tinha uma árvore, não tinha fruteira, não tinha terreno, não tinha nada, não tinha nem lado, a casa. Só tinha um quintal pequeninho e a frente da casa. A diferença foi grande para mim. Eu tinha sete anos e, exatamente nesse período, me matricularam no Instituto Machado de Assis, pra eu começar a estudar. E passei a odiar o estudo.

Entrevista - Por quê?

Nirez - Por isso, pela situação que eu estava. Além de ter sido privado de todas as minhas regalias, me botaram num colégio... Entrei numa sala de aula sem conhecer ninguém, nem os alunos, nem professor. Pra mim, passou a ser uma tortura. Eu passei um, dois, três anos no primeiro ano (risos). No quarto ano, o diretor, era o Assis Queiroz, irmão daquele Queiroz, dos postos de gasolina, Palácio de Queiroz, teve pena de mim. E me passou pro segundo ano. Eu fiz o segundo ano ainda mais malfeito. Aí larguei a escola. Quando foi três anos depois, papai me passou pro Instituto... era do Filgueira Sampaio, Instituto Waldemar Falcão. Entrei no terceiro ano. Também fiz muito malfeito, e não fiz o quarto ano. E deixei de estudar. Quando foi em 1951, resolvi fazer o curso de admissão ao ginásio. Estudei sozinho em casa e passei, em primeiro lugar.

Entrevista - Por que, depois de tanto tempo odiando o estudo, você decidiu voltar a estudar?

Nirez - Eu acho que não gostava de estudar, não. Não gostava era de colégio (risos). Fiz o curso de admissão noturno e passei pra primeira série. Aí o Filgueira Sampaio arranhou pra mim estudar de graça no Ginásio Dom Bosco, do Oscar Costa Souza, pai do Ednardo (cantor). Fiz o primeiro ano ginásial, passei em primeiro lugar, eu já adulto. O menino que passou comigo tinha onze ou doze anos. Já tinha arrumado uma namorada e não tinha mais tempo de estudar. Inventei que era porque o menino tinha passado comigo, e eu tinha ficado com raiva. Mas isso era desculpa pra não estudar mais.

Entrevista - E o Nirez que não gostava de estudar, também não gostava de trabalhar?

Nirez - De trabalhar eu sempre gostei, mas trabalhar naquelas coisas que gosto. Não gostava, por exemplo, quando o sujeito chegava e dizia: “Faça isso, faça aquilo...” Meu pri-

meiro emprego também foi nesse ano, 1951. Eu trabalhava na Cooperativa Banco do Estado. Era uma sociedade que tinha, como diretor, um deputado

“Eu gostava muito de, passando numa construção, saber o que tinha sido antes. Sempre tive essa mania. Passava ali, curioso...”

estadual da época, o José Mateus Gomes Coutinho, do PSD. Sério, sisudo. Nunca me deu um bom dia! Mas o gerente da Cooperativa era o Raimundo Felício Neto, um sujeito formidável, simpático. Eu era varredor da Cooperativa e, quando terminava a limpeza, ia fazer cobrança. Foi quando eu comecei a andar em Fortaleza. Nesse tempo, a Cooperativa Banco do Estado ficava na rua Barão do Rio Branco, 741, se não me falha a memória. Ficava ali, em cima de uma agência do BIC, entre a Senador Alencar e São Paulo, do lado do sol, em frente à Tipografia Minerva.

Entrevista - E andando, fazendo cobranças, você já observava como era Fortaleza naquela época?

Nirez - Não com os olhos de hoje. Mas já guardava na memória o que é era. Eu gostava muito de, passando numa construção, saber o que tinha sido antes. Sempre tive essa mania. Eu passava ali, muito curioso, pelo São Luiz. Porque o São Luiz, começaram a construir em 1938. Só concluíram em 58. Em 38 começou a construção, em 39 começou a Segunda Guerra, em 43 o Brasil declarou guerra, em 44 mandou os pracinhas, aí ficou tudo parado. Quando terminou a guerra, que era pra ter sido reiniciada a construção, a firma que estava construindo - eu não sei quem era - não podia fazer mais pelo mesmo preço, é claro. E o dono do prédio queria que fosse do mesmo preço. Aí ficou parado mais 15 anos.

Entrevista - E o Nirez dessa época gostava de cinema?

Nirez - Muito pouco. Nunca fui muito de cinema, não. Fui a cinema, acompanhava séries no Majestic, assisti “O último dos moicanos”...

Entrevista - De terno e gravata?

Nirez - Não, no Majestic eu ia pra geral, não precisava terno e gravata.

Entrevista - *Você estava falando que observava esses prédios em demolição e tinha curiosidade de saber o que tinha sido antes. O que era antes do São Luiz?*

Nirez - Anos depois é que fui saber. Do início do século até a demolição foi um cine, um cinema mudo que teve aqui - no começo era mudo mesmo, mas depois todos os outros se transformaram em cinema sonoro, a partir de 1930, e ele continuou mudo até o final, pra passar os filmes que vinham mudos... Era o Polytheama. Ficava na Praça do Ferreira, era uma reunião de muitos cinemas. Na década de 20-30 tinha o Polytheama, onde é o São Luiz, o Moderno, onde é hoje a Milano (loja de roupas), o Majestic, entre um e outro, próximo à Farmácia Osvaldo Cruz. Do lado de cá tinha o American Kinema. Aliás, essa questão de cinema aqui em Fortaleza é interessante... Porque, na década de 50, mais ou menos em 54, nós tivemos, parece-me, que 42 cinemas, na mesma época.

“Quando eu era menino, me apelidaram de Inglês, porque era muito vermelhinho. E Inglês, Glê, né? Daí a corruptela. Virou Nirez.”

Entrevista - *Era a maior diversão... Era acessível?*

Nirez - Era. O pessoal não tinha televisão. Tinha que procurar outro meio. A pessoa ia pro cinema por vários motivos. Primeiro, porque gostava do filme. Segundo, porque ia namorar. Além de ser bom assistir filme namorando, era escuro (risos). Hoje em dia não precisa mais de escuridão, mas naquele tempo precisava.

Entrevista - *Fala um pouquinho da tua relação com a família...*

Nirez - A família lá em casa foram nove. Mamãe teve nove meninos, mas só escaparam quatro, porque naquele tempo morria muito menino. Então, morreu o Wandick, morreu Murilo, morreu Maria, morreu... quem mais? Morreram cinco, escaparam quatro. Desses quatro, três homens e uma mulher. O mais velho, Rubens de Azevedo, nasceu em 30 de outubro de 1921. O segundo,

Maria Consuelo, nasceu no dia 25 de dezembro de 1928. O terceiro sou eu, 15 de maio de 1934. E o quarto é o Sânzio de Azevedo, que é do dia do aniversário do meu pai, 11 de fevereiro de 1938. O Rubens nasceu aqui mesmo, em Fortaleza, não sei o local. A Consuelo nasceu em Redenção, porque nessa época papai era fotógrafo no interior e estava na terra dele, que é Redenção. Eu nasci aqui, lá no Joaquim Távora, perto do Atapu. E o Sânzio nasceu nesses bequinhos que tem em frente à Escola Técnica, nasceu numa daquelas ruas. Desde pequeno que eu tive muito ciúme do caçula, porque mamãe era agarrada com ele. Eu era muito ciumento. Mas, por outro lado, meu pai escolheu a mim como o preferido dele, eu vivia mais sossegado por isso.

Entrevista - *De onde surgiu seu nome Nirez?*

Nirez - Eu, depois de muito pelear pra descobrir isso, ninguém sabia, terminaram mamãe e meu irmão mais velho achando que seria porque, quando eu era menino, me apelidaram de Inglês, porque era muito vermelhinho. E Inglês, Glê, né, Nirez. Começam a fazer falinha pra falar como menino, daí a corruptela. Virou Nirez.

Entrevista - *O que você achou dessa idéia de seu pai colocar nome dos filhos semelhante ao de pintores famosos?*

Nirez - Bom, na verdade, não acho que nome seja uma coisa muito importante pra pessoa. Primeiro, porque não é escolhido por ela, é pelos pais. Meu nome é Miguel Ângelo, mas o apelido foi mais forte. Tentei até me libertar desse Nirez, mas não deu certo. Nos meus filhos, não segui nenhuma regra... Meu primeiro filho foi uma mulher, e eu botei Terezinha, porque minha mulher fez uma promessa à Santa Terezinha. Eu não gostei muito não, porque minha última namorada, antes de eu casar, se chamava Terezinha. Ela talvez ainda hoje pense que eu botei o nome de Terezinha por causa dela.

Entrevista - *O nome de sua mãe também é Tereza...*

Nirez - Minha mãe é Tereza, minha sogra é Tereza... Meu sogro é Miguel, eu sou Miguel, já tem o Miguel Ângelo, que é meu neto. O meu primeiro filho eu botei o nome do meu pai, Otacilio de Azevedo. O outro filho eu botei de Nirez, pra ter um Nirez na família... E o quarto, por ter nascido no dia 4 de abril, botei de Mário, porque ele já é Azevedo, e no dia 4 de abril faleceu o pianista Mário de Azevedo. Meu primeiro filho, a Tere-

zinha, formou-se em Biblioteconomia. Trabalha hoje na Fundação Demócrito Rocha. O segundo, Otacilio Neto, operador de áudio, engenheiro eletrônico não formado, daqueles que montam rádio que só o diabo... Trabalha como técnico, me ajuda muito nas minhas partes sonoras, no meu som, e parte de computação, que eu não tenho ninguém. E o Nirez, que é o mais encabulado, o mais parecido comigo, muito retraído - até demais -, gosta de futebol. Mas gosta muito de pesquisas também, tanto que está terminando de escrever um livro de pesquisa sobre o futebol cearense.

Entrevista - *Você falou que o Nirez é o mais parecido com você. Ele será o possível continuador do seu trabalho?*

Nirez - Creio que não... Porque a parte que eu gosto, da cidade, a parte de som, de música, eu não vejo nenhum que possa continuar.

Entrevista - *Você é ciumento com suas coisas?*

“Colecionador mesmo, eu nunca fui. Porque o colecionador é aquele que guarda, avaramente. Eu faço é tirar cópia e distribuir.”

Nirez - Sou.

Entrevista - *Muito?*

Nirez - Muito.

Entrevista - *Quando foi que começou esse seu desejo de colecionar coisas, de guardar, de fazer um resgate da memória cultural?*

Nirez - O início não era propriamente um resgate, eu não pensei nisso. Depois é que se transformou nesse sentimento... Mas antes, desde menino, eu era colecionador. Sou um colecionador nato. Eu colecionava figurinhas de aviões, que vinham nuns chocolates: Spitfire, Mustang, B-24, B-25. Adorava avião. Nessa mesma época, saiu a revista Gibi, que saía três vezes por semana. Segunda, quarta e sexta era o Gibi; terça, quinta e sábado era o Globo Juvenil. Eu comprava todos eles - eu não, meu irmão comprava pra mim, o Rubens. E saía também os álbuns

Nas respostas, Nirez ora provocou risos, ora admiração pela agudez nos detalhes. Mas surpreendeu mesmo ao cantarolar uma marcha.

Rapaz, Nirez olhava a cidade curioso, descobrindo por trás dos tapumes da Fortaleza de 1950, uma outra, cheia de histórias.

Continua a observar, pela “Fortaleza Descalça” do poeta Otacilio de Azevedo, uma outra, de pés descalços no asfalto.



Nirez é muito apegado aos irmãos, filhos e netos. Através deles, o foco de familiaridade se amplia, abarca toda a cidade.

A única irmã é Consuelo, a que nunca casou pra tomar conta dos pais, Otacilio e dona Tetinha. Hoje, Consuelo é historiadora.

Omais velho, o selenita Rubens, que mora no Rio de Janeiro, criou o primeiro observatório na cidade. Nirez o tem como um ídolo.

de figurinhas. Eu colecionava. Tinha uns bombons que a gente omprava e a figurinha vinha dentro. Desde essa época eu era colecionador... Além disso, colecionava outras coisas: tampinha de cerveja, caixa de fósforos - não de propaganda, mas a caixa de fósforo mesmo, comercial.

Entrevista - Você ainda guarda tudo isso?

Nirez - Não. Destruí tudo. Com o tempo, eu desprezava um, começava outro, rebolava no mato... Depois eu passei a colecionar bandeiras mundiais. Essa eu achei a mais interessante das coleções. Pelo seguinte: porque eu tinha que pesquisar. Eu tinha que ir no livro, saber o porquê. Por que a bandeira da Iugoslávia são três faixas horizontais, em vermelho, branco e azul? Por que a vermelha é a de cima? Por que, a partir de 1946, passou a ter uma estrela vermelha, rodeada de amarelo? Quando aquela bandeira começou, quando terminou? O Japão, por exemplo, tinha três bandeiras. A China tinha quatro diferentes. Eu era menino ainda, por volta de 1944... Me lembro, porque no dia 8 de maio de 1945 terminou a guerra. E quando eu soube, corri na bodega em frente, o Chico Mossoró, comprei folhas de papel de seda: verde, amarela, azul, branco, vermelho e preto. E comecei a fazer bandeiras. Estendemos um fio em frente à minha casa, penduramos bandeiras: a do Brasil, Estados Unidos, França, China e Rússia. Até que veio um cidadão, caxingando, e fez um discurso em frente à bandeira da Rússia. Ele era comunista. O nome dele era Veloso.

Entrevista - Você aprendeu muito mais colecionando do que estudando?

Nirez - Acho que sim...

Entrevista - Pegando uma carona... Como você definiria um colecionador? O que é ser colecionador?

Nirez - Colecionador mesmo, na expressão da palavra, eu nunca fui. Porque o colecionador é aquele que tem uma coleção e guarda, avaramente. Papai até me contava a história de um colecionador que tinha um livro único no mundo. E um dia ele fez uma pesquisa em torno desse livro e descobriu que tinha outro, em outro continente. E ele foi lá, comprou por quase a fortuna dele toda. Ele comprou esse exemplar e jogou na lareira... Pra ele continuar sendo o único. Esse tipo de coleção, não. Eu, pelo contrário, faço é tirar cópia e distribuir.

Entrevista - Lembranças da Segunda Guerra, Nirez? Você viveu isso aí, menino ainda, tem essa história das bandeiras, que você estava falando... Você tem mais alguma outra memória, que te desperte medo?

Nirez - Tem. Quando eu morava na rua Rocha Lima, tinha sete anos de idade. Então, chegava meu irmão com as notícias da guerra e ia contar. E eu saía da sala para não ouvir, pra não ter medo. Eu sempre fugi do medo. Meu irmão, um dia, chegou dizendo: "Os alemães já tão aqui, nas portas de Dacar. Dacar é aqui, em frente à Fortaleza". Eu pensava que era bem ali... (risos). Me tremi todo, de medo. Um pavor terrível! Me lembro do blecaute. Quando dava seis horas da tarde as luzes da rua não acendiam mais. As luzes das casas acendiam, botavam assim um funil com um papel, pra luz não refletir no teto. Falta luz, parece que dez horas da noite, e só vinha no outro dia. Tudo pra que aviões ou navios ou submarinos inimigos não observassem nada... Era uma época de terror. O Exército criou uma força forte, só criada em tempo de guerra, que era o 29-BC. É o quartel onde hoje é o Copom, na praça dos Coelhoos, hoje José Bonifácio. O 29 patrulhava as praias. Chegava de noite nas praias, cheio de soldados observando, pra ver se não tinha submarino. Navios iam a pique. Navio foi bombardeado bem aqui, em Icapuí, perto de Cascavel (município do litoral do Ceará). Vinha carregado de mercadoria, navio mercante. Era o "Siqueira Campos". Eu peguei muito disco do "Siqueira Campos"...

“Eu sabia dançar o quê? Valsa, choro e samba. Chegava numa festa, só tocava bolero, mambo. O que é que eu ia fazer com mambo?”

Entrevista - Você serviu o Exército?

Nirez - Eu me alistei com 16 anos e servi com 19, em 1953

Entrevista - As experiências que o Exército te deu...

Nirez - Horríveis. Servi nove meses no Exército, parece que foi nove anos...

Entrevista - E por que era tão ruim?

Nirez - Sei lá. Nunca gostei de farda,

nunca gostei de prisão. Nunca fui preso, mas pra mim era uma prisão, ter que ficar lá dentro.

Entrevista - Quando foi que você começou a se interessar por música?

Nirez - Música... Eu sempre gostei de música. Em 1939, quando papai foi morar lá na Aldeota, ele fez um negócio com um cidadão, chamado Raimundo Araújo. Era motorista de ônibus e queria um retrato, parece que era o retrato do pai dele, e papai trocou por um gramofone e uns discos. Ele levou para casa o gramofone e botava uns discos. Parece que tinha sido do pai dele (Raimundo) e parece que o pai dele era metido a colecionador porque, eu me lembro bem, tinha o "Pé de Anjo", era a primeira gravação de Francisco Alves. Tinha "Flor do Mal", com (Vicente) Celestino, foi a primeira gravação do Celestino. Várias músicas que eu me recordo tinham sido primeiras gravações de alguém. Acho que ele era um colecionador de primeiras gravações. Então, aquelas músicas ficaram. Muitas ficaram na minha memória e eu gostava muito daquele tipo de música, que não era a música da minha época. Mas naquela época também tinha muita música que eu achava bonita, que eu gostava e que ainda hoje gosto. Mas a minha época não foi quando eu era jovem, e sim quando eu fui menino (risos). Porque quando eu era jovem, infelizmente, a música não me servia.

Entrevista - E qual era a música?

Nirez - Brasileira era baião. Estrangeira era bolero. Só tinha isso pra ouvir. Quer dizer, bolero, tá certo, é bonito. Baião, também tem baião bonito. Mas você aguentar só baião e bolero, não dá. Mesmo porque eu era um recém-aprendido, tinha aprendido a dançar. Eu sabia dançar o quê? Valsa, choro e samba. Chegava numa festa, só tocava bolero, mambo. O que é que eu ia fazer com mambo? Danças ridículas! Eram danças ridículas.

Entrevista - Você gostava das músicas só quando era menino? Gostava da letra e da melodia?

Nirez - Era. Ai comecei a comprar discos no comércio. Porque, quando eu era rapaz, no comércio as músicas que tinha pra vender eram de todas as épocas. Porque não existia época. Isso é um advento muito novo das multinacionais. Depois do LP, é que elas estabeleceram que essa música, que foi editada hoje, daqui a quatro meses tem que ser velha.

Naquele tempo, não. Eu namorei, me lembro como hoje, lá na praça do Carlito Pamplona, ali tinha uma quermesse, eu ia namorar ali. "O que importa pra nós dois" e "A Despedida", com Orlando Silva, gravação de 1937. Era a música que tocava, isso em 1951. "Quisera amar-te", Paraguaçu, 1928. "Baião Caçula", com Mário Genari Filho, 1951. As músicas que mais tocavam nessa época. Quer dizer, música não tinha época. Tanto a música que tinha sido gravada naquele mês, como a música que tinha sido gravada há 20 anos. Quando eu já tinha uma discoteca, de cerca de 150 discos, mais ou menos, notei que no comércio tinha esgotado. Todas as reedições antigas eu já tinha comprado. Não tinha mais o que comprar. A música nova não servia, salvo raras e honrosas exceções. Isso foi em 54, eu já tinha 20 anos. Ai comecei a procurar discos em casas de família. Comecei a fazer troca, compra. Mas muita gente não queria trocar. Ai foi o advento do LP. O LP começou a ser fabricado no Brasil em 1949, mas saía um hoje, outro daqui a dois anos. A fabricação de LP's só veio se intensificar em 54, 55, por ai. E eram aqueles pequeninhos, 10 polegadas. Em 58 começaram os de doze. Então, comecei a comprar discos de 33 rotações e trocar por de 78. Todo mundo queria... Eu comprava discos ruins. "Waldir Calmon para dançar No. 1", doze "...Para Dançar". Depois, comecei "Uma Noite no Arpège", números 1,2,3,4,5,6. Depois Waldir Calmon não sei aonde, em Nova York... E eu só comprando Waldir Calmon e empurrando, e os bestas me dando disco...

Entrevista - Mas, nessa época, você já tinha noção de que queria fazer uma coleção, ou ia comprando só porque gostava das músicas?

Nirez - Não. Essa mania de colecionar... Tudo que eu comprava, eu queria mais(risos). Ai fui juntando. Recebi até disco que não gostava, eu queria era completar a série, né? Por exemplo, o 34.642. Já tinha um 34.643, eu queria, pra completar, mesmo que não prestasse. Ainda hoje sou assim.

Entrevista - Quer dizer que não era por gosto, era pelo prazer de colecionar?

Nirez - É, também. Pelas duas coisas.

Entrevista - Nirez, qual a importância do seu despertar como colecionador para a sua formação cultural?

Nirez - Tenho a impressão que isso aí talvez vá surgindo durante nossa conversa. Porque eu nunca pensei nisso...

“Lá em casa era uma faculdade. Meu irmão (Rubens) sempre teve uma vasta cultura... E eu, quase tudo que aprendi, foi em casa.”

Entrevista - E o rádio, na sua vida? Quais são suas lembranças de rádio?

Nirez - Muito poucas. Nunca gostei de rádio. Lá em casa tinha um rádio. Eu me lembro. Era vertical, redondo em cima, o dial era redondo. Era um Zenith. Eu agora vou responder parcialmente à sua pergunta(aquela do parâmetro...) Parcialmente. Lá em casa era uma faculdade. Meu irmão sempre teve uma vasta cultura. Ele ainda hoje tem boas lembranças e ainda me ensina muita coisa. E eu, quase tudo que aprendi, foi em casa. Ele lia Victor Hugo, e passava pra gente. Me fez ler "Os Miseráveis". Meu irmão tinha uma biblioteca de uns 300 livros. Tinha uma coleção chamada "Terra, Mar e Ar". Gostava muito de astronomia, tinha "Astronomia Popular", no original, em francês. Tinha "Terra, Mãe dos Homens"... Ele gostava de transmitir o que ele lia e a gente ia aprendendo, ia embecendo. Era um aprendizado constante. Papai nunca frequentou um colégio. Entrou numa sala de aula uma vez na vida. Um dia. Diz que ele chegou na sala de aula e botou, na ponta do sapato... Naquele tempo, o menino tinha pena, que metia no tinteiro e escrevia. Até pouco tempo, as carteiras tinha aquela rodinha, que era o lugar de botar o tinteiro... Então, ele pegou aquela penazinha, quebrou no meio, enfiou na ponta do sapato, cutucava o menino da frente(risos). O menino disse à professora e ele deu um cartão nele, e começou a escrever uma lição. Escreveu, qualquer coisa lá, e ele não sabia ler. O menino foi e disse: "Sabe o que ela tá escrevendo ali, Otacilio?". "O que é?". "Tá dizendo que você vai ficar preso dentro da latrina". O papai saltou a janela, foi embora, e nunca mais foi pra aula(risos). Ele nunca teve colégio. Quando foi em 1917, inaugurou-se o (cine) Majestic. Em 1918, ele foi

trabalhar no Majestic, fazendo os cartazes do cinema. Ele não sabia ler. Davam a ele um papel e ele via um A e escrevia um A. Via um F, escrevia um F. Era desenhista, e ali ele aprendeu a ler, nos cartazes do cinema. Em 1922, ele publicou o primeiro livro. O único erro de Português que tinha no livro era "ansiosa". Ele escreveu com S e era com C, na época. Depois o tempo corrigiu(risos).

Entrevista - Era livro sobre o quê?

Nirez - Poesia. Meu pai nasceu poeta. Nasceu versejando. Então, lá em casa sempre foi uma escola. Todo mundo gostou de ensinar o que aprendia. Ainda hoje sou assim. Tenho mania de ensinar aos outros o que eu sei.

Entrevista - Nirez, e a história da música? Quando você começou a comprar os discos, paralelo a isso, você já tinha colecionado outras coisas?

Nirez - Não. Tinha minha coleção de bandeiras.

Entrevista - E a partir de quando você começou a colecionar outras coisas, a guardar objetos, fotos de Fortaleza?

Nirez - Eu segui com minha coleção de discos 54, 55, 56, 57, 58, 59. Em 59 eu vendi minha coleção de discos todinha.

Entrevista - Por quê?

Nirez - Porque fui pra São Paulo, tentar a vida.

“Tive poucas namoradas. Tive a Expedita. A Beatriz. A terceira eu não vou dizer o nome. E a quarta foi a minha atual mulher.”

Entrevista - Na época, eram quantos discos?

Nirez - Eram uns 800 e tanto, só. Eu vendi. Teve uns que não consegui vender, porque não tive coragem. Guardei. Foram 48 discos, que ainda hoje tenho. Esses não consegui vender.

Entrevista - O senhor conseguiu recuperar todos?

Nirez - Quando cheguei em São Paulo, vi logo que não dava pra o que eu



Já o irmão caçula, Sânzio de Azevedo, é professor de Literatura Cearense na Universidade Federal do Ceará.

Durante as duas horas de entrevista, Nirez contou histórias em seu ritmo pausado de professor, prestando a atenção dos alunos.

Tendo à disposição uma variedade de salgadinhos, servidos durante a entrevista, Nirez saboreou apenas os bolinhos de peixe.



Não tem muita grana, mas é o primeiro de quem os amigos lembram nas dificuldades. Empréstos com gosto para quem gosta.

Nirez colocou em ordem a discoteca da "Universitária", limpando, catalogando, fazendo capas para os discos incorporados.

Dona Zenita e Nirez educaram os quatro filhos para não mexerem no acervo do museu, abrigado em armários envidraçados.

queria, porque já era casado. E recém-casado.

Entrevista - Qual foi o ano?

Nirez - 1959. Viajei de avião, no dia 13 de agosto de 1959.

Entrevista - Voltando um pouquinho, pra tua história de casamento. Como é que foi esse namoro?

Nirez - Tive poucas namoradas, na minha vida. Tive a Expedita. A segunda foi a Beatriz, a terceira eu não vou dizer o nome (risos). E a quarta foi minha atual mulher. Quando eu comecei a namorar com ela, ela era noiva.

Entrevista - E como foi essa história? Ela terminou...

Nirez - Foi o seguinte. Comecei a namorar com ela, e o namorado dela tava fazendo curso de sargento, em Minas Gerais. Quando ele voltou, ela acabou e nós ficamos.

Entrevista - Voltando para os discos que você vendeu, pra ir para São Paulo. Chegando lá, recém-casado...

Nirez - Sim, eu vi que não era possível mesmo ficar em São Paulo.

Entrevista - Foi com mulher e menino?

Nirez - Não. Deixei a mulher. Tinha três meses de casado. Fui pra São Paulo, uma saudade danada da mulher, e tinha que resolver ligeiro a minha vida. Arrumei um emprego muito bom, para o caso. Uma pessoa recém-chegada arrumar um emprego ganhando dois salários mínimos... Naquela época, era muita coisa.

Entrevista - Qual era o emprego?

Nirez - Era desenhista da Adesit, aquela fábrica de fita adesiva. Desenhava aquelas coisinhas de propaganda. O gerente lá era seu Renato.

“...Gostava de desenhar, porque meu pai era desenhista, meu irmão é desenhista profissional. Pintavam quadros de formatura.”

O dono da Adesit era diretor daquele time, Palmeiras. No dia que o Palmeiras ganhava, era feriado (risos). Também no dia que perdia, a gente trabalhava até domingo.

Entrevista - E onde você morava?

Nirez - Fui pra casa do meu irmão. O Rubens já estava lá, meu irmão mais velho. Morava no centro de São Paulo, na rua General Osório, esquina com Santa Efigênia. E ele só conseguiu comprar um apartamento no centro porque a zona era perigosíssima, era uma zona de mulheres... Eu vi que não dava mas, mesmo assim, com o dinheiro que fiz lá... Depois que deixei a Adesit trabalhei fazendo vitrine, armando vitrine nas lojas do centro da cidade. Depois, mandei fazer uma grade de silk-screen. Eu peguei um serviço particular e ganhei um bom dinheiro, fazendo silk-screen, imprimindo um negócio pra uma fábrica de café. E ainda voltei de São Paulo trazendo 19 discos. Comprei 19 discos antigos.

Entrevista - Passou quanto tempo em São Paulo?

Nirez - Só três meses. Voltei em outubro.

Entrevista - Quando você sentiu que dava pra desenho?

Nirez - Desde menino gostava de desenhar, porque meu pai era desenhista, meu irmão é desenhista profissional. Pintavam quadros de formatura. Antigamente, as escolas tinham retrato dos alunos, diretores, dos homenageados, paraninfos e tal. Então, aquele quadro. O Rubens fazia aquelas grades e tinha aqueles espaços onde a gente botava enfeites. Os enfeites eram formações irregulares assim, só pra enfeitar, e quem fazia era eu.

Entrevista - Começou ajudando o Rubens...

Nirez - Ai começou. Quando foi em 1951, o Rubens foi embora pra São Paulo e eu tava em casa, um dia, vieram chamá-lo pra fazer um desenho para o jornal O Povo. “Cadê o Rubens?” “Ah, o Rubens foi embora pra São Paulo...” “Nós tamos com um desenho aqui, e tal...” “Ai papai disse:” “Quer fazer não, Nirez?” “Faço”. Ai me levaram pra lá. Eu fiz um desenho... Era uma confusão que tava havendo lá em Alagoas, briga não sei de quem. Então eu tinha terminado, tinha feito as pazes. E era a manchete do dia. “Reina paz nas Alagoas”. Então eu fiz, mal feito, um desenho horrível. Eles acharam ótimo. Ai me pagaram e perguntaram se eu queria ficar trabalhando lá. Eu disse: “Quero”. Fiquei trabalhando no O Povo até entrar no Exército. Passei nove meses, voltei pra O Povo. Nesse tempo, o gerente do jornal era um substituto,

porque o Costa (José Raimundo, atual vice-presidente) tava fazendo tratamento em Minas Gerais. Ai ele voltou. Na primeira semana briguei com ele. Veio me pagar metade do que tinha sido combinado. Porque eu tava lá fazendo ponto e recebendo serviços por fora. Mas tava no combinado, eu combinei isso. Ia ganhar isso e ia receber serviço de fora também. “Não, mas eu só pago isso”. “Pois isso também não quero”. Rebolei o dinheiro na cara dele e fui embora. Ai fui ser free-lancer, fazer rótulos pra garrafa, rótulos diversos.

Entrevista - Nirez, quando você retornou de São Paulo, retornou sua coleção, e a partir daí começou a nascer o museu do Nirez?

Nirez - Foi. Eu retomei a coleção de discos. Consegui recomprar muita coisa que tinha vendido. Teve disco que nunca mais consegui. Não sei que fim levaram. Em 1963 eu já tinha 1.300 discos, contra os 800 do tempo que vendi. Em 1963, existia um programa de rádio, aqui na Rádio Iracema, comandado pelo Eduardo Fernandes. O nome do programa era “Recordando Lembranças”. Eduardo Fernandes é pai do Will Nogueira (radialista e apresentador de TV). Era um programa de saudades. A característica do programa dele, ele usou o disco original. E o disco não aguentou. Ele pediu a algum ouvinte que tivesse aquele disco que levasse pra ele gravar. Eu tinha e ele gravou. Enquanto o técnico fazia a cópia da gravação, em conversa disse a ele que tinha mil e tantos discos, discos antigos, assistia o programa por isso, porque eram coisas antigas. “Então, vou fazer uma Entrevista com você, sábado...” “Tá certo.” “Nunca tinha falado em um microfone na minha vida, na hora tava tremendo que só vara-verde. Foi num dia 12 de fevereiro, esse sábado. Eu digo até o ano. 1962. Minha filha estava completando dois anos.

Entrevista - E quando foi que começou seu interesse pelas outras coleções que você tem?

Nirez - Sim... Ai, em 63, quando fiz essa Entrevista, os ouvintes que gostaram. O Armando Vasconcelos (apresentador de programa de TV e jornalista) me chamou: “Olha, queria que você tivesse um programa aqui. Esse tipo de programa, com suas músicas, é bom pra meia-noite. Estudei um programa pra você fazer, estou procurando patrocinador. Vamos fazer um programa?”. “Tudo bem”. “Você mesmo pode apresentar”. Eu disse, “tá certo”. “Já tenho um nome pro seu programa...”

Nirez e seu Velho Baú de Antigas Melodias''(risos). Eu pensei assim: ''Rapaz, quando eu terminar de dizer o nome do programa, tá na hora de encerrar. ''É, vamos ver se dá certo''. E ele nada de arrumar patrocinador, nada de arrumar. E eu ajeitando o programa, e pensando e fazendo o programa. Produzindo e nada. Eu digo: ''Sabe de uma coisa? Esse negócio não sai, não. Como é Armando, esse negócio sai ou não sai?''. ''Não, ainda estou atrás de um patrocinador...'' E nada de sair. Quer saber de uma coisa? Fui bater na Rádio Uirapuru. ''Quem é o produtor aqui? O diretor artístico?''. Quando cheguei lá, que olhei pro cara...'' Ah, Jadinha. O que é que há? Como vai? ''

''Em 65 ou 66, escrevi meu primeiro artigo pra jornal. Fiz um arquivo sobre a arte de Augusto Calheiros. Publiquei na Tribuna.''

Entrevista - Quem era esse?

Nirez - Jadinha era o Jader de Carvalho Nogueira(hoje jornalista do Diário do Nordeste). Ele tinha estudado junto com meu irmão mais novo, o Rafael Sânzio. E ele andava lá em casa, a gente brincava e tudo. Mas nesse dia, ele tava todo sério, porque era diretor artístico. Falei da idéia do programa e tal. Ele disse: ''É... Aqui não tem espaço pra esse tipo de programa''. Fui embora. Quando cheguei lá na porta, eu disse - ''Quer saber de uma coisa? Vou voltar... E quem é o diretor da rádio?''. ''Rapaz, é o...'' Agora esqueci o nome do homem. É da TV Cidade agora, diretor de programação... Não me lembro, não. Fui falar com ele. Ele achou muito interessante. ''Faça o seguinte, fale com o Carvalho Nogueira''. ''Já falei. Ele disse que aqui não tem espaço pra esse tipo de programa, não''. ''Mas diga a ele que falou comigo''. Eu disse - ''Carvalho, falei com fulano de tal e ele disse que visse um horário bom, porque''... Ele ficou chateado. Me arrumou um horário, domingo, meio-dia. Aí fui fazer. Tanto fiz o horário que ele me tirou e botou Cid Carvalho(jornalista e atual senador, pelo PMDB-CE), com um noticiário, que era a maior audiência naquele horário. Ele me passou para as seis horas da tarde.

Quando eu tava acostumado com o horário, ele me tirou, pra botar um programa de música da Varig, só música orquestrada. E me jogou pra... parece que foi... terça-feira à noite. Tudo bem. Eu ia fazendo. Não tem problema. Tudo de graça. Não ganhava um tostão. Aí o Jomar Pereira tava se fazendo jornalista, naquela época, ouviu o programa, gostou, foi lá em casa, fez uma reportagem comigo. Publicou na capa do segundo caderno do Correio do Ceará. Propaganda, né? E de um programa que era da Rádio Uirapuru. Ele não se lembrou que o Correio do Ceará era dos Diários Associados, que tinha a Ceará Rádio Clube. Deu um bolo... Quiseram botar ele pra fora. o Augusto Borges(radialista e apresentador da TVC) arrumou um meio de contornar a situação: me levar pra Ceará Rádio Clube. Aí eu fui. Agora, saí da Ceará Rádio Clube ligeiro, porque prometeu pagar e não pagou. Deixei o programa e ele(Augusto Borges) ficou usando o nome do programa ainda dois meses...

Entrevista - Como era o nome do programa?

Nirez - Arquivo de Cera. Por sinal, este título é um plágio. No Rio de Janeiro tinha um cidadão, chamado Éber de Bôscoli, que fazia um programa de músicas antigas. O nome do programa era Museu de Cera...

Entrevista - Nirez, saindo um pouquinho de música. Você tem também uma paixão muito grande pela cidade...

Nirez - É, mas eu tô indo pela música pra chegar lá. Quando eu saí de lá(da Ceará Rádio Clube) fui convidado pra fazer na Dragão do Mar, aos domingos, de manhãzinha. Passei uns três ou quatro anos por lá. De lá, foi o tempo que inauguraram a Rádio Cidade e o Cid Carvalho tava lá e me convidou pra ir fazer o Arquivo de Cera. Fiz até um ano antes de entrar na Universitária(Rádio Universitária FM, da UFC). Em 65 ou 66, escrevi meu primeiro artigo pra jornal. Fiz um artigo sobre a arte de Augusto Calheiros(cantor). Publiquei na Tribuna do Ceará. Aí comecei a escrever outros artigos e papai conseguiu publicar no Correio do Ceará. Em 1969, fundei o Museu Fonográfico do Ceará. Você vê que, nesse tempo, ainda era fonográfico. Não tinha outra coisa, só disco. Então, comecei a escrever sobre música. Em 1975, eu já tinha iniciado um trabalho sobre a vista de Fortaleza e outras coisas mais. Eu formei uma página, com todas as coisas que eu enfocava. Era ''Fortaleza, Ontem e

Hoje''. Era uma coluna que eu publiquei até pouco tempo... Depois, a foto histórica, explorava esse negócio de placa de formatura. Tinha um cantinho, que era o ''Cantinho da Canção'', onde botava a letra de uma música. Era uma variedade... Fui a J.C. Alencar Araripe(jornalista, presidente da ACI- Associação Cearense de Imprensa), e dei a idéia da página. Ele disse: ''Ótimo, vamos fazer. Só tem um problema...'' Eu digo- ''Qual é?''. ''É que, quando a gente bota uma página no jornal, tem que ter outra pra fazer o outro lado... Eu vou arrumar uma coisa pra fazer o outro lado...'' Aí foi lá e veio cá... Sei que entrou no dia 24 de maio de 1975, foi quando a primeira página saiu.

Entrevista - De graça, de novo?

Nirez - De graça, de novo. Não, não era de graça. Mas era o mesmo que ser. Porque uns dois anos antes eu vinha fazendo artigo. Eu disse que estava escrevendo no Correio, depois eu passei para O Povo. Eu vinha fazendo esses artigos uma vez por semana, na página de música, que era do Adeodato Júnior(jornalista). E vinha fazendo um artigo, sobre músicos ou compositores. E o Demócrito(Dummar, presidente da empresa jornalística O Povo S/A) um dia me chamou e disse- ''Quanto é que você ganha, para fazer esse artigo?''. Eu digo: ''Nenhum tostão''. ''Costa, vem cá. Não tá pagando o rapaz, não?''. ''Não...''. ''Pois vai pagar''. Dez cruzeiros cada artigo. Naquele tempo, dez cruzeiros era hoje 200 cruzeiros, não valia nada. Mas pagava, né? Fiquei ganhando esse dinheiro. Então, quando eu passei a fazer a página, eu falei ao Araripe - ''Olha aqui, eu ganho tanto... Vamos ver se sai mais um dinheirinho''. Aí ele me pagou. Não sei se me pagava o dobro, porque, na verdade, eu queria mesmo era publicar a página. Eu era o editor da página.

''Meu sonho era fazer a indexação do jornal (O Povo). Nunca deu pra fazer o serviço. Nunca deram nenhum computador, nem gente.''

Diagramava, entregava diagramada, fazia tudo direitinho. Em 78, o jornal fez 50 anos. Meu pai vivia lá por



Com os amigos, Nirez mostra-se engraçado, cômico e meio palhaço. Faz caretas horríveis que agradam principalmente às crianças.

A foto que ilustra a entrevista é de arquivo do Curso de Comunicação, feita na disciplina de Fotojornalismo de outro semestre.

O livro ''Balanceio de Lauro Maia'' foi lançado com o CD comemorativo dos 100 anos do compositor cearense. Autor: Nirez.



Houve um momento em que Nirez manteve-se na mesma posição, independente das perguntas feitas.

Eleuda de Carvalho, uma das alunas que participaram da entrevista, é colega do Nirez na rádio Universitária.

Isso fez com que ela se soltasse no diálogo com Nirez, antes, durante e depois da entrevista.

Nirez

dentro, aí o Demócrito me convidou pra eu organizar a parte de memória da comemoração. Fiz aquela edição junto com a Albanisa (Sarasate), Sérvulo Esmeraldo (artista plástico), e outro rapaz, que eu não lembro mais o nome. Mas quem trabalhou mesmo fui só eu. Sérvulo Esmeraldo fez o plano da obra. Com essa edição, e com a edição dos cadernos que eu fiz durante seis semanas... Aí o Demócrito me convidou para trabalhar no jornal, no departamento de pesquisa. Aceitei e fiquei nesse departamento de pesquisa até agora. Saí agora, no mês passado (setembro de 1993).

Entrevista - Aproveita o embalo e conta essa saída pra gente.

Nirez - A saída, é o seguinte. Há dez anos, eu pedi um computador para o departamento. Nunca me deram. Gente para o departamento, foi sempre muito pouco. Nunca deu pra fazer o serviço. O meu sonho era fazer a indexação do jornal. Nunca deu pra fazer o serviço. O meu sonho era fazer a indexação do jornal. Nunca me deram nenhum computador, nem gente. Passou dois anos lá um diretor industrial, Vicente Cunto. Esse Vicente Cunto, durante a administração dele, nunca comprou sequer um cesto para colocar papel higiênico usado, quando eu pedi para o departamento de pesquisa. Aí eu fui perdendo o gosto. Trabalhando com as unhas, sem ter meios... Não conseguia nada. Pedi pro jornal ser microfilmado. Não o fizeram. Eu consegui a microfilmagem de graça, no DNOCS. Mesmo assim, o jornal tinha que comprar o filme. Não compraram. Um dia, resolveram microfilmarem o jornal. Mas deixaram a cargo da filha do Demócrito, não foi comigo. Depois, eu consegui, junto com o reitor da UFC, Hélio Leite (ex-reitor), um convênio, um computador para o departamento de pesquisa. Esse computador chegou lá. A filha do Demócrito foi fazer um trabalho no computador. Só liberava depois que terminasse o serviço dela. Nunca liberou. O computador nunca chegou na minha mão. Aí fui perdendo o gosto e deixando de ir no jornal. Foi o tempo que a filha dele entrou lá, tomou conta de tudo, e hoje tem não sei quantos computadores. Tem máquina leitora, máquina copiadora, tem tudo lá. Gente sobrando... Aumentaram sala, botaram mais ramal de telefone... A equipe que eu deixei lá é a mesma, tudo gente boa.

Entrevista - Como é que você cuida do seu acervo? Tem algum modo

especial de guardar, pra que ele não fique prejudicado?

Nirez - Eu procuro um meio de não precisar tá limpando e ajeitando. Porque, se depender disso, não tem gente suficiente para fazer. E eu não dou conta. Faço o seguinte: consigo um disco, limpo, lavo, registro. Aí, numas capas que eu faço, de papel, fechada, com a boca fechada, então, não entra poeira, não entra nada.

“O disco mais antigo da minha coleção é um 80 rotações, alemão, tamanho de um compacto, gravado só de um lado (...) É de 1898.”

Entrevista - São quantos mil discos?

Nirez - São 22 mil e uma porção.

Entrevista - Vinil?

Nirez - Não. Vinil tem, mas não se pode considerar uma coleção. Eu tenho... sei lá, dois mil vinil. Qualquer pessoa tem dois mil vinil (risos).

Entrevista - Qual o disco mais antigo de sua coleção?

Nirez - O disco mais antigo da minha coleção é um 80 rotações, alemão, tamanho de um compacto, gravado só de um lado. Não tinha etiqueta ainda, a etiqueta era impressa na própria cera, em baixo-relevo, as letras saltadas. É um cara de teatro, contando uma história, mas ele não consegue contrair porque ri da própria história, representando isso. E isso leva dois minutos. É de 1898.

“É o seguinte: as músicas que eu aprendi quando menino, sei tudinho. Agora, pra eu aprender uma música hoje é dois dias.”

Entrevista - E o disco mais antigo do Brasil?

Nirez - Do Brasil, é um disco chamado “Avenida Central”. Não sei se é esse. Ele é o mais antigo da Odeon, é de 1904. Agora, tenho uns discos que podem ser anteriores a ele, mas a

gente não sabe a data, numa fábrica chamada Zon-O-Phono. Essa fábrica foi de 1902 a 1904.

Entrevista - E o seu disco preferido?

Nirez - Meu disco preferido é da década de 30.

Entrevista - Qual é?

Nirez - O preferido, como? Mais bonito?

Entrevista - O especial. Qual aquele disco que o senhor não venderia, por nada no mundo?

Nirez - Pra escolher só um?

Entrevista - Só um.

Nirez - Não pode nem ser dois?

Entrevista - Pode.

Nirez - “Minha vida em tuas mãos”. É de Luiz Bittencourt, a música. E o poeta é... Não me lembro o nome dele. É a música mais bonita que eu conheço. Foi gravada por Augusto Calheiros. Parece que é de 1937. E o outro é “Meu Destino”, gravado por Januário de Oliveira. De José Maria de Abreu e Francisco Matoso.

Entrevista - Você escuta esses discos com frequência?

Nirez - Ouço.

Entrevista - Há algum disco que você nunca ouviu?

Nirez - Que nunca ouvi, não.

Entrevista - Todos os discos da sua coleção, os 22 mil?

Nirez - Não. Todos os discos da coleção que estão fichados, porque não estão todos fichados. Os que estão fichados, eu ouvi.

Entrevista - Quantos?

Nirez - Tem fichados 12 mil e um bocadinho. Doze mil, quer dizer 24 mil músicas. Porque esses discos só têm uma música de cada lado, não confundir com LP...

Entrevista - Você tem boa memória para música? Você se lembra das letras?

Nirez - É o seguinte: as músicas que eu aprendi quando menino, sei tudinho. Agora, pra eu aprender uma música hoje é dois dias.

Entrevista - Das que você ouviu, lembra de tudo?

Nirez - Quase tudo, é. Agora, por exemplo, mamãe cantava muito. Quando era moça, ia lá pro Mata Galinha, uma região, reunir as pessoas pra cantar. Papai cantava, mamãe cantava. Sabia muita modinha. Eu nasci nesse ambiente, ouvindo o

pessoal cantar. E o pessoal ia lá pra casa, fazia roda de violonista e tal. Então daí eu já conhecia muita coisa. Além de ouvir depois, nos discos. Agora, essa parte da organização é o seguinte: eu comecei a fichar os discos. Tem fichário de tudo. Tem fichário por título. "Minha vida em tuas mãos", tá lá no M. Luiz Bittencourt, tenho um livro por autores. O intérprete, tá lá, com Augusto Calheiros. Tem por autores, intérpretes, por título e ainda tem por assunto: Discografia, tinha o caderno da Odeon, o caderno da Victor, da Continental, da Colúmbia, Parlofon, da Brunswick...

“Roubei. Botei dentro de uma revista e trouxe pra casa. Assim eu fiz com muito disco. Do próprio Mário Dias Maia roubei discos.”

Entrevista - *Todo colecionador faz coisas até impossíveis, para conseguir objetivos. Você já usou de algum meio não convencional para conseguir alguma coisa?*

Nirez - Já, já. Eu sei, por exemplo, da existência de um disco, em tal parte. Eu procuro conseguir. Aqui tinha um cidadão, chamado Mário Dias Maia, a quem eu devo esse meu atual emprego, aqui na Universidade. Porque foi através da minha coleção de discos, que me deu o emprego. Entrei em contato com ele por causa dos discos. E ele, quando o DNOCS precisou de um desenhista, se lembrou de mim. Aí me chamou para assumir o emprego. Depois, passados 27 anos de DNOCS, eu vim pra Universidade. Então, esse cidadão, Mário Dias Maia, era desenhista, muito bom. Desenhava um peixe que você tinha vontade de comer... Era desenhista do DNOCS. Especialista em desenhar peixes. Desenhava com aquelas nuances coloridas. Tudo do jeito que o peixe era. Eu guardei dois desenhos dele, que eu tenho. Eu roubei. Os dois desenhos eu roubei do DNOCS. E hoje, o DNOCS não tem mais nenhum.

Entrevista - *Roubou? Como?*

Nirez - Roubei. Botei dentro de uma revista e trouxe pra casa. Assim eu fiz com muito disco. Do próprio Mário eu roubei discos.

Entrevista - *Inclusive entre pessoas amigas, né?*

Nirez - Um dia, cheguei na casa do Descartes Braga, que era um cidadão que colecionava discos, na Parangaba. Ele morreu um 1966. Ele tinha cerca de mil discos. Todos os discos da fase mecânica. E o primeiro disco gravado pelo cantor Francisco Alves, que é "O Pé de Anjo", ele tinha lá e eu não tinha. E era o disco mais cobiçado pelos colecionadores, que é o primeiro disco do cantor mais antigo. Fui lá. Eu tinha um programa na Rádio Uirapuru, nesse tempo. Cheguei lá e disse: "Descarte, o que é que eu faço prá rodar esse "Pé de Anjo" no meu programa?". "Você leva, roda e depois traz". "Tudo bem". Aí levei o disco e, no ar, agradei a ele pela doação do disco (risos).

Entrevista - *Nirez, em 82, o Instituto Nacional de Música, da Funarte, e a Xerox do Brasil patrocinaram a edição de uma coletânea sobre a discografia brasileira. Esse estudo foi elaborado por você e mais três outros estudiosos do assunto. Quería saber um pouco desse projeto.*

Entrevista - *Só pegando carona... Você, fazendo essas suas coleções, além de gastar muito tempo, gastou muito dinheiro. Suas coleções são frequentemente utilizadas. Além de gastar dinheiro, tempo, com essas coleções, você teve algum retorno financeiro.*

Nirez - Muito pouco. Muito pouco, quase nada. Essa discografia, por exemplo, foi um trabalho terrível que nós tivemos, pra não ganhar nada, praticamente. Nós fomos pagos, só que o dinheiro que foi pago não era nada. Paralelamente ao trabalho de colecionar discos, eu tinha curiosidade desse disco. Tendo o 12.642 e esse sendo o 12.644, eu queria saber o que era o 12.643. Então peguei um caderno comum, numerei pelas séries da capa, e coloquei tudo que eu tinha. Depois, peguei as revistas que anunciavam, "Saiu esse mês o disco tal", e fui botando, e fui fazendo uma discografia. Um dia, me chega aqui um cidadão de Natal, Rio Grande do Norte, doutor Graça Guerreiro Barbalho, médico, dono de laboratório de análises clínicas, e colecionador de discos. Tinha uma memória de elefante. Fizemos algumas trocas. Então, tinha uma centena de coisas que ele tinha e eu não tinha. Passamos a trocar figurinhas. Quando a gente conseguia uma coisa, telefonava, telegrafava, escrevia. E ficamos os dois com as discografias, um completando a do outro. Em 1970, já anos depois, exatamente na Copa de 70, eu tava

assistindo um jogo do Brasil quando me chega um cidadão lá em casa, Alcino de Oliveira Santos, e diz: "Olha, eu sou paulista de Taubatérrrrrrrrrr. Eu coleciono discos e faço também uma discogrerrrrrrrrrrrafia". Aí eu digo - "Você tem essa discografia?". "Tenho". "Eu queria ver". Aí comecei a comparar e tinha era coisa que eu não tinha. Aí passamos a fazer a mesma coisa. Avisei o Graça. Quando ele tinha uma novidade, já mandava pra mim e pra ele. E eu mandava pros dois. Quando é um dia, o Edgar de Alencar, cearense radicado no Rio há mais de 40 anos, escreve um artigo no jornal sobre o meu museu, porque precisou de uma informação. Era o ano do quarto centenário de nascimento de Camões. E ele mandou perguntar ao Almirante, que era a maior patente do rádio no Brasil, qual era a música que existia que falasse no Camões. E Almirante procurou, procurou, não encontrou nada. Ele soube da existência do meu museu, e mandou me perguntar se eu não sabia alguma coisa, assim, desiludido. E eu disse: "Sei, disco 34 mil e tanto, quando o Almirante grava uma marcha - (canta) 'As armas e os barões assinalados / Vieram assistir o carnaval / Cantando espalharei por toda parte / Que o nosso estandarte / Vai ser seu Cabral' (risos)". O próprio Almirante não se lembrava que tinha gravado. Aí, um cidadão cearense, que mora no Rio de Janeiro também mas há menos tempo, o Jairo Severiano, viu o artigo e escreveu pra mim, dizendo que ele tava fazendo um levantamento discográfico e que tava encontrando dificuldade e tal. Então, unimos os quatro e ficamos fazendo isso. Quando foi em 75, houve um encontro de pesquisadores em Curitiba e o jornalista Aramis Vilarche, do Paraná, me telefonou, convidando para participar do encontro. Eu digo - "Vou". Aí fui. Peguei o avião e fui bater em Curitiba. Passagem, hospedagem, tudo pago. Particpei do encontro e levei debaixo do braço a discografiazinha. Lá tava o Graça, mas não levou. E tinha lá uma olheira do Ministério da Educação, nesse tempo da Educação e Cultura, Maria Alice Saines de Castro. E ela me viu lá, pediu pra ver a discografia e eu mostrei a ela. Isso em fevereiro. Quando foi em agosto o Orlando Leite (maestro cearense radicado em Brasília) me convidou pra eu participar de um seminário em Brasília. Era eu, Tinhorão (o crítico José Ramos Tinhorão), um professor lá da UNB e o Marcus Pereira (editor de discos). Eram os quatro. Nessa ocasião, a Maria Alice tava lá. Ela



Mas Nirez mostrou-se atento e delicado com todos os alunos que participam desta edição.

Para melhorar a qualidade da gravação da entrevista, a "Universitária" emprestou um gravador com microfone aos alunos.

Nirez alternou o tom de voz do meio para o final da entrevista, falando descontraído.



A entrevista de Nirez durou uma hora e trinta minutos, das duas horas inicialmente previstas.

disse: "Cadê aquela sua discografia?" Eu digo - "Tá lá na minha sala". "Bora ver?" "Bora". Ela olhou de novo. Só fez olhar, anotou umas coisas. Passou-se. Quando foi em novembro, ela veio bater aqui. "Vim pra você assinar o contrato da discografia. A Funarte vai publicar. Digo - "Não posso assinar o contrato, porque não sou o dono da discografia. A discografia é minha, do Graça Barbalho, do Alcino Santos e do Jairo Severiano. Você, em vez de vir bater aqui em Fortaleza, podia ter ficado no Rio, que é mais perto. O Jairo Severiano é de lá. Mas tem o Graça Barbalho aqui, ele inclusive é autônomo, paga INPS, pode assinar contrato. Eu não sou. Ainda vou ter que ir atrás disso". Nesse tempo, eu era só funcionário público, não tinha carteira assinada. Ela foi lá e assinou o contrato com o Graça. Naquele tempo foi 200 cruzeiros. Já naquele tempo, 200 cruzeiros não era coisa nenhuma, para começo de conversa.

Entrevista - Nirez, esse projeto do Lauro Maia, um álbum duplo com gravações originais do Lauro Maia, regravações, e um livro, "O Balanço de Lauro Maia", que é seu. O livro tem fotografias...

Nirez - É. O livro é o mesmo livro meu, só que acrescido de mais fotografias, mais ilustrado. E com algumas correções. Acrescento uma letra de uma música, que eu não tinha. Uma informação de uma outra, também que eu não tinha, e umas três ou quatro correções.

Entrevista - Costuma-se dizer, a gente ouve falar, que todo crítico é um artista frustrado. O musicólogo Nirez, com toda sua paixão pela música, chega a ser algum cantor, instrumentista ou artista frustrado? Ou, na realidade, ele tem esses dotes e a gente acaba não sabendo?

Nirez - Existe o crítico e existe o crítico(risos). Existe o crítico consciente, existe o crítico por ser crítico, porque tem a função de crítico e ele tem de criticar. Existe também o

“O poder público só serve pra destruir. Ele prende, fica inacessível aos outros colecionadores e termina se acabando...”

artista frustrado, que por causa disso se faz crítico. Acho, por exemplo, que uma pessoa pra ser crítico musical não precisa saber música. Basta que ele saiba ouvir música. Se fosse assim, não podia haver crítico de futebol, teria que ser um Pelé. Só o Pelé poderia escrever sobre futebol.

Entrevista - O que você acha da música atual?

Nirez - É preciso primeiro a gente saber que música atual. A música atual, que chamam de popular brasileira, não é a música popular brasileira da década de 30. A minha preferência é a da década de 30. Mas a música popular da década de 30 ainda existe. Era a música do povo. Por que era que, naquele tempo, a música do povo era que ia pro disco e pra rádio? Porque, naquele tempo, quem era diretor da Revista Carioca, a revista mais importante do gênero à época, era gente do povo. Hoje em dia tá na mão da classe média. Quem era dono das rádios, Rádio Nacional, Rádio Record, Rádio Globo? Todas elas faziam parte do povo, e hoje em dia tá na mão da classe média. Quem canta a música do povo, naquela

época? Era o povo. Hoje em dia, é a classe média quem canta. Hoje os meios de comunicação estão nas mãos da classe média. A classe média, diferente do povão, é ditatorial. O povo não é. O povo deixava tocar tudo.

Entrevista - A quem vai ficar o trabalho do Nirez? E o sonho do museu? O senhor tem esperança de que o futuro do seu museu possa estar com o apoio governamental?

Nirez - Não (enfático). Apoio governamental, nem sonhar(mais enfático ainda). Aliás, eu nunca acreditei. Eu prefiro que ele se acabe, depois que eu morrer. A viúva vendendo aos colecionadores, do que cair no poder público. O poder público só serve pra destruir. Ele prende, fica inacessível aos outros colecionadores e termina se acabando. Cada um leva o que que pra casa, e vai se acabando, acabando... Como acabaram-se vários museus daqui. Do poder público, a única coisa que tenho lembrança é o tempo que o Lúcio Alcântara foi prefeito de Fortaleza, quase que destrói meu museu, fazendo uma obra por motivo eleitoral, mandando aterrar um riacho com lixo da limpeza pública, tornando minha casa um inferno de muriçocas, de ratos, de tudo. E eu indo no gabinete dele, diariamente, mostrando a evolução das obras. Eu, inocentemente, dizendo a ele o que tava acontecendo, pensando que ele não soubesse. Depois, o diretor da Sumov, na época, me disse que aquela obra esta sendo feita pela limpeza pública com ordem direta do prefeito. A própria Sumov embargou o trabalho do prefeito.

Entrevista - E o futuro do museu?

Nirez - O futuro do museu não está nas minhas mãos. Eu vou morrer e ele vai ficar.

A última pergunta, sobre o futuro do Museu da Comunicação, Nirez respondeu sério, tentando não demonstrar emoção.